

JOSÉ DE MESQUITA
(Do Instituto Histórico de Mato Grosso)

Revista
CULTURA POLÍTICA

Troncos raciais da família
matogrossense
(ensaio)

REVISTA MENSAL DE
ESTUDOS BRASILEIROS



Rio de Janeiro
DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda
1941—1945

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

Troncos raciais da família matogrossense

JOSÉ DE MESQUITA

(CULTURA POLITICA, Revista: Ano II, Num. 19, Set.1942, pag. 20-23)

Desembargador do Tribunal de Apelação, Presidente da Academia Matogrossense, Membro dos Institutos Históricos Brasileiro, de São Paulo, do Ceará e de Mato Grosso. Diretor d' "A Cruz", de Cuiabá.

Para bem compreender o “espírito matogrossense” mister se faz aprofundar-lhe as raízes étnicas e ir procurar, nas suas componentes raciais, os elementos que formam o seu substrato psicológico mais íntimo e peculiar.

Deixamos bem evidente que, dos traços de sua organização sócio-política, postos de manifesto através da História do povo interlandês, dois afloram, em linhas nítidas, inconfundíveis — o senso profundo da ordem e o amor inato da liberdade.

Fácil mostrar, com as crônicas na mão, a origem desses sentimentos. Tal como o naturalista que vai buscar no subsolo a explicação das variantes botânicas ou dos matizes fitográficos duma região, iremos nos subterrâneos do Passado, nas camadas primitivas da Geologia humana, buscar os elementos constitutivos da mentalidade do homem do alto sertão matogrossense.

Povoou-se a grande bacia central do Brasil — do Paraná ao Paraguai, até suas altas nascentes, — de portugueses e paulistas. Estes, na arrancada bandeirante, desbravando o caminho impervio, traziam o espírito livre e aventureiro dos conquistadores, alheios à noção do perigo, afeitos a lutar contra a natureza hostil, ouriçada de riscos de toda a sorte. Representavam os lusos, vindos após, já na fase de sedimentação, o elemento conservador, composto de homens de negócios, senhores de engenho, destinados a formar um patriciado, pelos haveres logo avultados devido ao seu senso de economia e amor à ordem estabelecida.

Neste capítulo examinaremos a influencia dos elementos peninsulares na composição da gens matogrossense, para no que se segue apreciarmos a contribuição do bandeirantismo.

Influencia lusa

E se bem aprofundarmos as origens, veremos que, mais talvez do que em qualquer outra região, se exerceu na formação da gens cuiabana a influencia portuguesa, e, sobretudo, a do norte da velha Lusitânia, daquela zona privilegiada que se estende entre o Minho e o Douro, terra que Fialho nos pinta, numa das suas admiráveis palhetadas como levando alma “a um ideal de puerícia arcádica e serrana; de sorte que penetrar no Minho rústico é sair da civilização e recuar de séculos ao seio da vida bíblica e pastora” (1).

Dessas províncias privilegiadas que outro picturista da pena, Antero de Figueiredo, nos descreve com as “vilas caladas, de ruas hervecidas”, com as suas “cidadezinhas modestas”, de “montes religiosos, com a gaivota branca de suas capelinhas à sombra de um sobreiro eremita” (2), é que provem os velhos patriarcas que foram os troncos das principais famílias do Norte matogrossense.

Os minhotos

Essa influencia minhota, de reste, deve ter-se feito sentir na índole do nosso povo, imprimindo-lhe essa feição calma e profundamente religiosa, esse amor radicado à gleba — o minhoto é essencialmente lavrador — e o seu extraordinário poder de resistência, característico que se não encontra nos homens do sul da península.

Não se diga haver nisso uma crono-inversão, pelo fato de serem os preadores de índios os primeiros a palmilhar terras matogrossense. De tal modo, em pouco tempo, esses elementos se plasmaram e fundiram, que se pode dizer onde chegava o arrojo paulista, fundando arraiais e abrindo *lavrás*. Já se via, desde logo, o elemento *reinol*, com sua atividade construtiva, lançando os fundamentos de uma civilização agrária — representada nos engenhos e sítios, e comercial — que se manifestava nas fábricas e casas de negócios, das primitivas vilas sertanejas.

Madres da raça

Não deixa de ser interessante, ao vermos uma bacia hidrográfica, abrindo-se no leque dos rios caudalosos, dos seus ribeirões e das suas múltiplas vertentes, imaginarmos os manadeiros distantes todos aqueles extensos e inúmeros cursos d'água.

Muito semelhante deve ser a sensação de quem se proponha a invocar e reconstruir, através do passado obscuro, as madres da raça, que hoje vemos espraiar-se, pelos quadrantes da terra cuiabana, e que, afinal, vai quase toda se entroncar em alguns daqueles rudes povoadores que, no ciclo épico de setecentos, vieram ter a estas rudes paragens da grande e fértil Mesopotâmia brasileira.

(1) — Estâncias de arte e de saudade, pag. 109.

(2) — Jornadas em Portugal.

CULTURA POLÍTICA

De resto, esta conclusão a que chegamos através dos pacientes estudos que há quasi dez anos vimos fazendo nos velhos arquivos locais, para a reconstrução das origens da raça cuiabana, já foi estabelecida, num plano geral, pelos pesquisadores, à guisa de Oliveira Viana, que, no seu *Evolução do Povo Brasileiro*, acentua que o “grande centro de formação das correntes imigratórias que se dirigem para o Brasil é o norte da península: são o Minho, o Douro, as duas Beiras, o Trás-os-Montes que fornecem, em todos os tempos, os colonizadores da nossa terra” (3).

Malheiros Dias, ao retrair em linda página, os aprestos das armadas colonizadoras para as donatárias, nos faz ver aqueles rudes homens que atraídos pelo amor da aventura “vendem uns solares, quintas e herdades do Minho, do Ribatejo e Alentejo; levantam outros empréstimos; contratam colonos; adquirem ou fretam navios . . .” (4).

Do mesmo passo, em um período mais próximo, a migração dos reinos que vieram povoar o sertão cuiabano, já aberto à cúbiça pela arrancada bandeirante.

São os “homens de negocio”, os “letrados”, os “lavradores”, os “senhores de engenho”.

Troncos de famílias cuiabanas

De ascendência lusa, em geral, pela linha paterna, são as primeiras, as mais importantes famílias do setentrão matogrossense.

(3) — OLIVEIRA VIANA, ob. cit. Pág. 113.

(4) — História da colonização portuguesa no Brasil, pág. 221.

(5) — Cap. I — Barão de Poconé.

De João Maciel, vianês, e, portanto, minhoto, procedem pela linha materna (por Ana de Gusmão, filha de Inácio Dias Pais), os Gaudie-Ley, linhagem das mais vastas e importantes de Mato Grosso.

Minhotos legítimos foram André Alves da Cunha, de Carvalho de Coura (Braga) e seu genro Francisco da Costa Ribeiro, cabeça da estirpe dos Nunes, Ribeiros, e Alves, tão ramificados em todo o norte, cuja progênie numerosa estudamos no *Nobiliário Matogrossense* (5).

Também minhotos, de Valença do Minho, eram Antonio da Silva Albuquerque, João Pereira Leite, de S. Maria do Outeiro (Braga), o faustoso senhor da Jacobina, tronco dos Pereira Leite, Francisco Xavier Tavares de Carvalho, Francisco Xavier dos Guimarães Brito e Costa (ambos de Arcos de Val-de-Vez), Manuel Ventura Caldas (pai de João Poupino), Antonio José Soares e tantos outros.

Das Beiras do Douro, foram os Ramos e Costa (José Joaquim e Joaquim José), o mestre de Campo Antonio José Pinto Figueiredo (do porto), Bento e Manuel Antonio Pires de Miranda (de Vimioso, Bragança), Antonio José de Azevedo, Francisco Correa da Costa (também do Porto), os quais foram troncos de grandes famílias cuiabanas.

Do centro da península, bem poucos genearcas rastreamos, sendo de notar apenas Joaquim Lopes Poupino, de Belém, bispado de Elvas (Alentejo), Antonio de

JOSÉ DE MESQUITA

Pinho e Azevedo (Lamego), Francisco Xavier da Silva Pereira e o prof. José Luiz Zeferino Monteiro de Mendonça, tronco dos Mendonças de hoje.

Costados portugueses

Levando-se em conta que também os paulistas que formam a primeira leva de povoadores do vale cuiabano, descendem, por sua vez, de remotos avoengos minhotos e beirões, claro se vê que é naquelas rústicas paragens da velha Ibéria lusitana que temos de encontrar as nascentes primeiras da raça.

De fato, — com exceção talvez dos Lemes e Buenos, de linhagem espanhola — todos os bandeiran-

tes, Laras, Macieis, Arrudas e Monizes, provem, com intervalo as vezes somente de uma ou duas gerações, de bons costados portugueses.

É lá, nesse “Portugal pequenino, que a Espanha comprime e que o Oceano alarga”, que vamos, portanto, seguindo a montante o curso das gerações, encontrar, seja na austera e recolhida Braga, seja em alguma aldeola perdida nos desvãos dos Trás-os-Montes, as madres fecundas da raça matogrossense, caldeada nos sofrimentos, enrijecida nas lutas homéricas contra a natureza, nuclear e essencialmente religiosa, raça que Deus como que fadou para as grandes resistências, lentas, passivas, serenas, mas vencedoras.

Nota de pesquisa - Outras publicações: Sob o título, *Origem das Famílias Cuiabanas (Introdução á Genealogia matogrossense)*, in: REVISTA GENEALÓGICA BRASILEIRA, por Instituto Genealógico Brasileiro, Salvador de Moya (org.), vol.1, ano 1, 1940, p. 96-98.

Fonte: http://www.cpdoc.fgv.br/accessus/docreader/cp_digital_consulta.htm